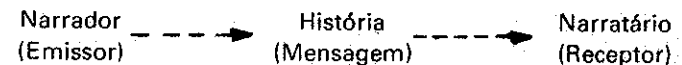


**ESTUDO DA NOVELA O ENTERRO DE NHA CANDINHA SENA
DE ANTÓNIO AURÉLIO GONÇALVES**

**Manuel Brito Semedo
Cabo Verde**

No plano estrutural, qualquer obra literária pode ser considerada sob dois aspectos: ela é ao mesmo tempo discurso e história.

A obra é um discurso na medida em que existe um narrador que relata determinados acontecimentos a um narratário que os percebe, conforme o esquema da comunicação literária dentro da obra:



A este nível, o mais importante não são os acontecimentos relatados que mais importam mas a maneira como o narrador os dá a conhecer ao narratário. É assim que pode acontecer que um autor principie a sua escrita de maneira a que as páginas iniciais narrem um acontecimento que teve lugar no fim.

É recorrendo a esse método que o acontecimento da morte de Nha Candinha Sena tem lugar antes do relato da sua vida. Aliás, sistema muito utilizado para suscitar a curiosidade do leitor, como é o caso de muitos romances policiais.

A obra é igualmente história, no sentido em que evoca uma certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que, deste ponto de vista, se confundem com os da vida real.

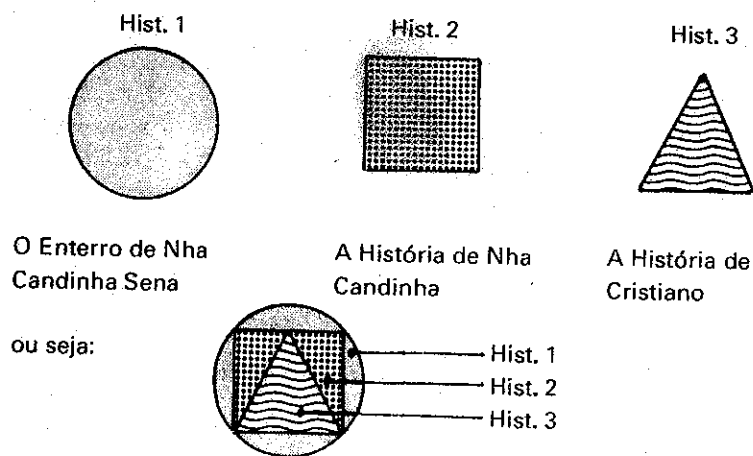
Quanto à lógica das ações e à forma geral que A.A. Gonçalves Ihes atribui, é presumível ter havido uma influência directa de Eça de Queirós sobre ele, aliás, de quem escreveu um ensaio intitulado *Aspectos da Ironia de Eça de Queiroz*, pois a estrutura narrativa da novela é bastante idêntica ao conto "José Matias" daquele escritor português do séc. XIX.

Em *A Letra e o Leitor*, o Professor Jacinto Prado Coelho escreveu a propósito daquele conto o que se adapta perfeitamente a esta novela:

"O 'José Matias' [...] tem a servi-lo uma hábil, moderna técnica narrativa. A primeira pessoa do 'discurso', quer dizer, a 'personagem' a quem a ficção atribui o papel de narrador, é alguém que conheceu o José Matias e conta a história deste enquanto acompanha o seu enterro, daqui resultando que a ação passada [...] alterna com a ação presente, que dura precisamente o tempo da narrativa e consiste na deslocação, de típicos, até ao cemitério".

Num primeiro nível de abordagem, e tendo em conta o plano temporal, pode reconhecer-se que a combinação das histórias se realiza numa tríade, a saber: a história d'O Enterro de Nha Candinha Sena, abrangente, a que se atribui destaque e importância pelo próprio título que dá à novela; a história de Nha Candinha Sena e a história de Cristiano. As narrativas têm uma certa independência mas obedecem à lei do encadeamento, ligando-se por meio da personagem Cristiano que funciona como um fio condutor.

No plano do discurso, a narração é feita segundo o esquema:



A história 1 – O Enterro de Nha Candinha Sena – é fechado como um ovo. Senão vejamos:

Hipólito Almeida que foi quem na véspera dera a notícia da morte a Cristiano, é quem volta a ser encontrado depois do enterro, a uns passos da casa que pertencera a Nha Candinha Sena. O próprio percurso do funeral que se inicia no Alto-de-Celarine, pelas 10 horas, volta ao ponto de partida, às 12H30, para a apresentação dos pêsames.

Nessa história o leitor é guiado na geografia da cidade do Mindelo (S. Vicente) com uma série grande de informantes que lhe indicam o percurso e a passagem do tempo:

- *Chegada ao Alto-de-Celarine*
"Tínhamos chegado ao altinho onde está a casa do Abel".
- *Chegada do padre e saída do cortejo fúnebre*
"Daí a nada, chegou o padre"; "O cortejo fúnebre apareceu à porta".
- *Percurso da casa do Abel à Igreja*
"Seguíamos, agora, pela Fonte-de-Doutor"; "Estávamos perto da 'Pracinha' e da Igreja"; "O caixão entrou na igreja".
- *Percurso da Igreja ao Cemitério*
"O caixão avançou do fundo da Igreja e apareceu à porta"; "O cortejo retomou a marcha [...] atravessando o 'largo do Madeiral' e descendo pela Rua do Coco fora"; "Quase à entrada da Chã-do-Cemitério"; "Já estamos quase ao pé do cemitério"; "Chêga-se à rotundazinha da porta do cemitério"; "Entramos".
- *Percurso do cemitério ao Alto-de-Celarine*
"Regressarei a pé"; "Em casa do Abel Ferreira custou-me a distingui-lo".
- *Percurso da casa do Abel a do próprio Cristiano*
"Reparo que estou à porta da Celina"; "Já cheguei novamente à minha rua".

A história 2 – A História de Nha Candinha Sena – é igualmente uma história fechada, já que termina com a morte da personagem principal, e estrutura-se da seguinte forma:

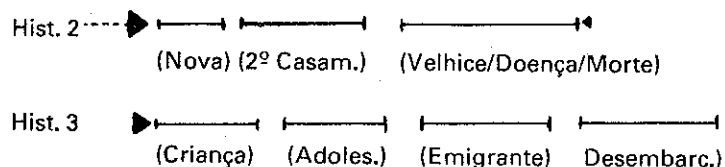
- *Nha Candinha nova e depois do primeiro casamento*
- *Casamento de Nha Candinha em segundas núpcias*
- *Doença/Velhice/Morte de Nha Candinha*

A história 3 – A História de Cristiano – interpenetra-se tanto na de Nha Candinha como na d'O Enterro de Nha Candinha Sena e termina em aberto.

A história de Cristiano estrutura-se na seguinte ordem:

- Cristiano criança, de oito para nove anos
- Cristiano adolescente, em companhia do pai
- Cristiano jovem, emigrante
- Cristiano adulto, desembarcadiço

A história de Nha Candinha Sena e a de Cristiano são contadas ao longo do percurso do funeral e sobrepõem-se do seguinte modo:



O problema da temporalidade põe-se, como anotamos, apenas a nível do discurso, ou seja, na ordem em que as partes do texto devem ser lidas. A ordem dos acontecimentos, que nas histórias segue o tempo linear, é rompida e, muitas vezes, alterada.

O recurso ao passado, numa longa analepse fragmentada em três partes, tem a sua explicação já que é assim que se pode entender completamente o que se conta no presente. É igualmente um recurso de que o autor faz uso para analisar as forças determinantes, como é o caso da influência do meio, que modelam as personagens.

As histórias de Nha Candinha Sena e de Cristiano são evocadas de um passado distante, daí as imagens chegarem difusas e como que desfocadas, e, à medida que os acontecimentos vão se aproximando do presente vão se tornando cada vez mais até se atingir o grau zero da escrita em que a história do passado se sobrepõe à história do presente.

É fácil de se distinguir as mudanças temporais pois a história do enterro de Nha Candinha Sena, que não é mais do que um acontecimento na história de Cristiano, é contada no tempo presente, como se pode verificar pelas frases "eu soube da morte", "Encontrei-me na 'Praça'", "Eu deixei-me ficar fora", entre outras. Por outro lado, as histórias de Nha Candinha Sena e de Cristiano (criança) são situadas no tempo passado, como se pode confirmar, "Nha Candinha era uma mulata muito escura", "gabava-me como um menino muito meigo".

A própria disposição gráfica, com espaços em branco numa forma bem demarcada, segue as mudanças temporais. Apenas o primeiro espaço, contendo um asterisco, indica passagem no tempo presente.

No texto encontra-se, igualmente, outras anacronias temporais, para além do recurso ao passado, como já foi referido.

Durante o percurso do funeral, seguindo pelo "Fonte-de-Doutor", a marcha passa por uma caixeira de um botequim e Norberto faz um breve sumário do que foi a vida de Maria Júlia, um breve "flash" do passado dela.

Quando Cristiano (desembarcadiço) fala da sua tasquinha em S. Vicente e antevê o futuro, vivendo-o, entra no domínio da prolepse, "estou a ver a inauguração do meu estabelecimento [...] na Rua de Lisboa ou na Pracinha", contrapondo a morte à vida, o passado ao futuro, dando sentido à sabedoria popular, de que a vida continua sempre a renovar-se.

Esta novela é narrada na primeira pessoa, como se pode confirmar pelas expressões: "eu soube da morte de Nha Candinha Sena", "Tínhamos chegado ao altinho", "Nha Candinha recebeu-me com o carinho de sempre".

Cristiano encontra-se na Praça com o Hipólito Almeida que lhe dá a notícia da morte de Nha Candinha Sena. No dia seguinte Cristiano vai ao enterro, diga-se de passagem, marcado para uma "hora... tão imprópria".

No percurso de Alto-de-Celarine – casa do Abel Ferreira, sobrinho da defunta, e onde esta vivera os seus últimos dias – até Chã de Cemitério, local onde o corpo seria dado à terra, Cristiano recorda Nha Candinha Sena, em função dos aspectos que mais o impressionaram. Primeiro, senhora nova e depois de um casamento fracassado, vivendo sozinha em casa própria; depois, casada em segundas núpcias, por procuração, com Nho Xalino. Segue-se depois um vazio quando Cristiano se ausenta para o estrangeiro; e, por último, Nha Candinha como "um vulto miudinho de velha", vista numa das suas primeiras tardes de S. Vicente.

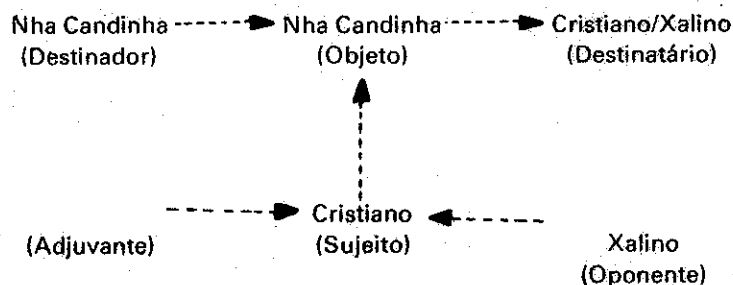
Não se pretende aqui enumerar todas as personagens da novela e muito menos estudá-las em pormenor uma a uma. Limitar-se-à a uma rápida focagem de conjunto.

Algumas personagens da novela parecem ser retratos de pessoas reais, como é o exemplo de Nha Candinha e Cristiano. Enquanto essas personagens figuram como indivíduos de psicologia autónoma sempre a definir-se, outras movem-se como tipos, simbolizando um dado grupo social.

As personagens-tipo, a fim de serem verdadeiramente representativas, correspondem à média do conjunto de virtudes e de defeitos que o ambiente social torna mais comuns nos indivíduos de um grupo social. São elas:

- O infalível *Carlinhos* – Ele é a “alma da ‘Sociedade’ ” e sacrifica-se para cumprir as normas sociais e chega ao exagero e ao ridículo de trazer “sempre na algibeira uma gravata preta para o que der e vier”.
- * O *Aníbal Duarte* – Com “uma aversão por todas estas coisas de morte” [enterros, visitas de pêsames] mas cumpridor das normas sociais – “Hoje estou cá porque não podia deixar de vir”.
- O *Mário Dias* – “Com a sua acostumada garotice” e que sempre aproveita as oportunidades para galhofar. “Eu, também, não quero saber de nada com ela [a morte]”, “Não posso lembrar-me.. Não sou desse tempo”.
- *Mana* – Com o seu jogo do ser e do parecer – “Voltei-me para ver quem dirigia a Nha Candinha adeus tão sentido [...]. Reconheci a Mana, a cunhada que tanto amargurou alguns dos anos de Nha Candinha”.

Conforme a proposta do teórico A.J. Greimas de descrever e classificar as personagens não segundo o que são, mas segundo o que fazem, elas participam em três grandes eixos semânticos que são a *comunicação*, o *desejo* e a *ajuda*. Segundo essa concepção, pode-se construir uma estrutura paradigmática – Sujeito/Objeto, Destinador/Destinatário, Adjuvante/Oponente – que dá conta das relações das personagens. Assim, por exemplo:



Ou seja, Nha Candinha Sena dá-se a si mesma como objeto de amor a Cristiano e a Nho Xalino. Por sua vez, Cristiano sente-se inseguro diante de Nho Xalino com uma sensação de “mal-estar” (ciúme ridículo já que os dois amores eram diferentes) sentindo “que aquele homem [...] chegara de longe para me separar da minha amiga”.

A relação entre Nha Candinha e Cristiano pode ser vista como uma relação amorosa adulto/criança.

O amor de Nha Candinha – cândido, puro, como o próprio significado do termo – tinha duas razões. Primeira razão, porque ele era filho da sua melhor amiga, Augusta, divina como o seu nome, por quem teve uma dedicação incansável e “o respeito que se tem por uma irmã mais velha”, daí o transferir-lhe a sua grande amizade. Segunda razão, porque Nha Candinha nunca tivera filhos, o que a levou a descarregar em Cristiano todo o seu instinto materno.

O amor de Nha Candinha manifestava-se gabando Cristiano às suas visitas como “um menino muito meigo, muito bom”, afagando-o nos seus braços, segredando-lhe aos ouvidos, dando-lhe coisas “sabe” e mostrando-se despeitada, “já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? [...] já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito [...] Não é verdade, ou viste?”

Por outro lado, o amor de Cristiano (criança) era instintivamente sensual e terá sido causado pela própria orfandade (a timidez de Cristiano não seria um sintoma disto?). “Não me lembro bem do rosto [de Nha Candinha]; com o tempo, apagou-se me da memória” mas o que lhe lembrava meiguices e carícias isso ele não esquecia: os *olhos* “sorridentes e meigos”; os *braços* [comparados a um ninho] onde “eu nunca me cansava de rolar [...] a minha cabeça”; a *pele* “finha, morna”; e o *tom de voz* que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança”, também comparado com “voz de rola ao primeiro roxejar da alva”.

Quanto à relação entre as personagens e, mais propriamente, ao que respeita à ciência do narrador nesta novela, segundo a proposta de T. Todorov em “Categorias du Récit Littéraire”, sobre uma série de convenções que se revelam no ponto de vista adoptado sobre o real, o que predomina é a chamada visão “com” em que o narrador conhece – ou, antes, finge conhecer – tanto como as personagens, nem mais nem menos. Isso é facilmente verificável na medida em que a novela é narrada na primeira pessoa e o narrador é o protagonista Cristiano.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland, “Introduction à l’Analyse Structurale des Récits”, *Communications*, 8, 1966, Editions du Seuil, 1981, Paris.
- GONÇALVES, António Aurélio, *Nolite de Vento*, Instituto Caboverdeano do Livro, 1985, Praia.
- TODOROV, T., “Les Catégories du Récit Littéraire”, *Communications*, 8, 1966, Editions du Seuil, 1981, Paris.